



AS FORMAÇÕES DISCURSIVAS DOS PERSONAGENS NA OBRA LITERÁRIA: O MENINO DA CIDADE DE LONA (OU A HISTÓRIA DE ZÉ VIDA DE BARRACA) DE LUIZ TAQUES¹

Data de recebimento: 11/06/2017

Aceite: 12/07/2017

Maciel VILALBA (UEMS)²

Resumo: Este artigo tem por finalidade apresentar um estudo e análise da obra literária *O Menino da Cidade de Lona (Ou a história de Zé Vida de Barraca)* de Luiz Taques, através da seguinte temática: Quais as formações discursivas dos personagens na atividade de interlocução-interação? Desta maneira, procuraremos mostrar na narrativa do discurso literário o jogo de imagens entre os personagens que se concretiza pela interação num determinado contexto histórico e social. Assim, a formação discursiva se dá por sujeitos revestidos ideologicamente sobre um determinado assunto, então, outra questão levantada é: Como os personagens se mostram ideologicamente sobre o entendimento do movimento dos Sem-Terra (MST)? Onde buscaremos identificar as relações de classes sociais, o entendimento de Terra para Os Sem-Terra e sua relação com a sociedade, a finalidade da existência do (MST), e as vozes que se mostram na obra. E para a realização deste trabalho usaremos como embasamento os teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (AD), tais como: Bakhtin (2004), Orlandi (2005), Maingueneau (1997) e outros não menos importantes.

Palavras-Chave: Discurso. Ideologia. Literatura Infanto-Juvenil.

Abstract: This article aims to present a study and analysis of the literary work: "The Boy in the City of Lona (Or the story of Zé Tent Life)" by Luiz Taques, through the following theme: What are the discursive formations of characters in the activity of interlocution-interaction? In this way, we will try to show in the narrative of the literary discourse the game of images between the characters that is concretized by the interaction in a certain historical and social context. Thus, the discursive formation is given by subjects clothed ideologically on a certain subject, then, another question raised is: How do the characters show themselves ideologically about the understanding of the movement of the Landless (MST)? Where we will try to identify the relations of social classes, the understanding of Earth for the Landless and their relationship with society, the purpose of the existence of the MST, and the voices that are shown in the work. And for this work we will use as basis the theorists of Discourse Analysis of the French line (AD), such as: Bakhtin (2004), Orlandi (2005), Maingueneau (1997) and others no less important.

KeyWords: Speech. Ideology. Literature for Youth.

¹ Este texto é uma versão de um trabalho monográfico meu, mas devido sua divulgação apenas no âmbito institucional pelo qual foi realizado, desejei ir mais longe e transformando o neste artigo.

² Maciel Vilalba. Graduação em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E é atualmente Mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do sul. Campo Grande MS, Brasil. Email: macielvilalba@gmail.com



1. Introdução

Este artigo tem por finalidade fazer um estudo e análise da obra literária direcionada ao público Infanto-Juvenil “O menino da cidade de Iona (ou a história de Zé Vida de Barraca)”, de Luiz Taques, tendo a seguinte proposição a ser desenvolvida: Quais as formações discursivas dos personagens na atividade de interlocução-interação? A partir de tal questionamento proposto identificar na narrativa do discurso literário as principais formações discursivas através da análise do contexto histórico e social, assim como o jogo de imagens que se materializam no discurso dos personagens por meio da interação.

Assim, busca-se também responder a outra problematização - Como os personagens se mostram ideologicamente sobre o entendimento do movimento dos Sem-Terra (MST)? Onde se identifica as relações de classes sociais, o conceito de Terra para Os Sem-Terra e sua relação com a sociedade. E tal análise será apoiada pelos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (AD) que são: Bakhtin (2004), Mussalim (2004), Maingueneau (1997), Orlandi (2005), Cardoso (1999), e outros não menos importante

A obra-objeto de estudo é um discurso literário destinado ao público Infanto-Juvenil, que narra a história de Zé Vida de Barraca, um menino que vive em acampamento com seus pais. O personagem Zé Vida de Barraca num processo de interlocução com o personagem Inácio³ relata a vida difícil de Sem-Terra, conta a dificuldade em viver de acampamento a acampamento, as dificuldades encontradas ao longo do processo aonde os acampados esperam a reforma agrária acontecer de fato.

O personagem central do discurso literário faz uma retrospectiva para contar como foi parar no movimento dos Sem-Terra. Assim, Zé comenta também que seus pais tinham um sítio, mas a propriedade foi alagada com a construção de uma hidrelétrica. Pelo fato ocorrido a família de Zé Vida de Barraca mudou para o Paraguai, viraram “brasiguaios”, mas só que lá no Paraguai os brasiguaios são conhecidos como pessoas sem pátria. Sendo que há um forte preconceito dos paraguaios em relação aos brasileiros, por isso Zé e sua família voltam para o

³ Em uma apresentação levantaram a indagação se o personagem Inácio tinha alguma ligação com o ex. presidente Luiz Inácio Lula da Silva. E assim, entramos em contato com o autor Luiz Taques que nos esclarece que a criação do personagem Inácio está relacionada ao um menino muito travesso que vivia numa ocupação da fazenda Santa Idalina (município de Ivinhema, MS), em 1984.



Brasil para viver de novo em acampamento e passam a lutar pelo direito a uma propriedade na zona rural. Assim, para melhor o entendimento da obra em questão, é necessário entender o contexto histórico do MST.

1. O movimento dos Sem-Terra no Brasil

Apresenta-se aqui o entendimento contextual da história do movimento dos Sem-Terra no Brasil, uma vez que o *corpus* de análise trata-se de conto narrativo destinado ao público infanto-juvenil que retrata a história de um menino que vive em acampamento (Zé Vida de Barraca).

Stédile; Sérgio (1993) salienta que no Brasil desde a colonização grandes extensões territoriais mantiveram-se nas mãos de poucos, porque o rei de Portugal distribuía as terras que pertenciam à coroa para seus amigos em formas de sesmarias (doações de terras), sendo que as maiorias das pessoas viviam na miséria, em condições subumanas ou desumanas.

Os autores comentam que, a luta pela terra no Brasil teve fases distintas, isto é, a primeira fase que iria de 1850 até 1940, classificada como das lutas “messiânicas”. Pois, essas lutas por terras havia sempre um líder, ou seja, “um messias”, que mantinha sua liderança através da persuasão, da confiança religiosa. Podemos citar como exemplo de luta pela terra neste período, o de “Canudos” na Bahia (1870 - 1897), que teve como líder o messiânico Antonio Conselheiro. Outro movimento de luta pela terra foi do “Contestado”, em Santa Catarina (1912 – 1916), em que o líder era o monge José Maria. Ambos os movimentos envolveram milhares de camponeses pobres que foram derrotados em suas reivindicações pela repressão das tropas federais da época.

Segundo os pesquisadores, outro fator que concorreu para surgimento desses movimentos de pessoas Sem-Terra (MST) é que no decorrer dos anos com o aumento da industrialização, aonde as cidades superlotaram, cresceu o desemprego, e na área rural com a presença da tecnologia, de máquinas em que precisa apenas de uma pessoa para fazer todo o serviço que antes precisava de umas cinquenta pessoas, acarretou que muitos trabalhadores ficaram sem nada, isso porque não são qualificados para trabalharem nas indústrias das grandes metrópoles, e também não conseguiram se adequar as novas tecnologias no campo, acabaram ficando sem emprego, e sem-terra para sua sobrevivência e de sua família. Por isso, surgiu o termo “sem-terra”, que para Stédile; Sérgio (1993, p. 25), “foi um apelido popular dado a uma classe social que vive no campo, camponeses, que trabalham a terra sem ser dano dela”.



Segundo Stédile; Sérgio (1993), a história do Movimento Sem Terra não possui uma possível data de início no Brasil. Pois por ser um movimento social, em que reúne milhares de pessoas, de trabalhadores rurais, em vários locais do país, e sua história é composta pela soma de vários acontecimentos que se desenvolveram especialmente a partir de 1978. A partir desta data, aconteceram em vários estados brasileiros, muitas lutas de agricultores Sem-Terra, que se reuniam, discutiam seus problemas e se organizaram de uma maneira coletiva para conquistarem uma área de terra. Mas sua fundação e organização realizaram oficialmente e definitivamente em janeiro de 1984, em Cascavel (Paraná), o 1º Encontro Nacional dos Sem Terra. Dessa maneira, o movimento dos trabalhadores rurais Sem-Terra em nosso país, visa buscar a “reforma agrária”:

Entende-se por reforma agrária um conjunto de medidas a serem tomadas pelo governo para alterar a estrutura fundiária do país, e garantir terra a todos os agricultores que quiserem trabalhar. Além disso, medidas complementares de política agrícola, como crédito, preços, assistência técnica, seguro rural etc., necessárias para garantir a viabilidade e a rentabilidade da pequena produção (STÉDILE; SÉRGIO, 1993, p.36).

Assim, a reforma agrária é uma luta associada com o socialismo, buscando alternativas políticas e econômicas para que as pessoas Sem-Terra tirem da terra seu sustento, através da produção coletiva de alimentos agrícolas, isto é, com cooperativas os agricultores fornecem seus produtos às cidades e através dessas vendas é que os trabalhadores rurais conseguem sustentar suas famílias.

Após uma breve explanação sobre o contexto histórico do MST, segue-se abaixo algumas considerações teóricas sobre o presente trabalho de pesquisa e sua organização interna.

Um breve entendimento da Análise do Discurso (AD)

3. Conceito de discurso e sua produção

Para uma compreensão de como o discurso é constituído na obra “O menino da cidade de lona (ou a história de Zé Vida de Barraca)”, faz se necessário compreender o que é discurso para a disciplina científica de linha francesa (AD). .



Assim, para a autora Orlandi (2005) linguagem é um meio pelo qual formamos textos discursivos tanto orais como escritos, sendo assim o discurso é uma produção de sentidos entre interlocutores. A autora fala que o discurso é a prática da linguagem, a palavra em uso. Ou seja, o discurso realiza a partir do momento que se enuncia e esta enunciação pretende fazer com que surja um efeito no outro.

Partindo desta ideia de que o discurso é tido como algo de ação e reação que Mussalim (2005) considera que no discurso há sempre um contexto histórico e social, além disso, no texto discursivo consideram-se as condições de produção do discurso. Este para Cardoso (1999) visa não apenas nas formas de organização do texto, mas também nas formas de instituição de seu sentido. Desta forma, os sujeitos do discurso são representantes de uma determinada estrutura social, e ainda mais:

Um conceito fundamental para a AD é, dessa forma, o de condições de produção, que pode ser definido como o conjunto dos elementos que determinam a produção de um discurso: o contexto histórico-social, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do assunto de que estão tratando. Todos esses aspectos devem ser levados em conta quando procuramos entender o sentido de um discurso. (BRANDÃO, 2008, p. 29).

Se as condições de produção é que norteia o discurso, este então, no entender de Brandão (2008) é um espaço em que o saber e o poder unem-se, articulam-se, uma vez que, quem fala, fala de um determinado lugar, a partir de uma relativa liberdade que lhe é concedida socialmente.

Para Foucault (*apud*. Cardoso, 1999, p. 22), o discurso é definido como “um conjunto de enunciados na medida em que se opõem na mesma formação discursiva”, um espaço de regularidades relacionadas às condições de produção. O discurso é um jogo de estratégias de ação e reação entre indivíduos socialmente organizados. Do mesmo modo, Maingueneau (2001, p. 53), salienta que “o discurso é uma forma de ação”, isto é, constitui uma ação no outro, como um ato de prometer, sugerir, afirmar, interrogar, etc. que modifica a situação entre os interlocutores.

Maingueneau (2001, p. 53), comenta também que “o discurso é interativo”, pois a interação verbal é uma inter-atividade entre dois indivíduos, a conversação em que duas pessoas coordenam suas enunciações, ou seja, enunciam em função da atitude do outro e identificam o efeito de suas palavras sobre o outro. Assim, toda enunciação, mesmo na ausência de um destinatário, é marcada por uma interatividade constitutiva, ou seja, é uma troca, explícita ou



não com outros enunciadores, virtuais ou reais, e também “supõe sempre a presença de uma outra instância de enunciação à qual se dirige o enunciador e com relação à qual constrói seu próprio discurso”.

Dessa maneira, a memória também faz parte nas condições de produção do discurso, pois em uma enunciação discursiva todo dizer se materializa com um “já-dito”, interdiscurso, que segundo Orlandi (2005, p. 31) é aquilo que fala antes, em outro lugar, e é esta memória discursiva que torna possível o dizer, que retoma como pré-construído, “o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”. Como salienta esta mesma autora, o sujeito pensa que sabe o seu dizer, mas não tem acesso ou controle do modo como o discurso se constitui nele.

A linguagem ao ser usada para produzir um determinado discurso, materializa-se em um determinado lugar, assim como em um dado tempo, situação para quem enunciamos e efeitos pretendidos. Deste modo, para Cardoso (1999, p. 38) as condições de produção do discurso envolvem alguns elementos indispensáveis, como: a) *um locutor* (aquele que fala de acordo com sua posição sócio-histórica); b) *um alocutário* (aquele para quem se fala e o que se tem a falar, e sua posição sócio-histórica); c) *um referente* (o que falar que são determinados pelos sistemas semânticos de coerência e de restrições); d) *uma forma de dizer* (é preciso saber escolher estratégias para dizer); e) *um contexto em sentido estrito* (momento do discurso); f) *um contexto no sentido lato* (as determinações histórico-sociais, as instituições onde o discurso é produzido – a família, a escola, a igreja, etc. e também as escolhas temáticas, as modalidades discursivas em um dado momento).

Mussalim (2004) salienta que o jogo de imagem que se estabelece nas condições produção, isto é, aquilo que o sujeito pode/deve ou não dizer, a partir do lugar que ocupa e das representações que faz ao enunciar, não é preestabelecido antes que o sujeito enuncie o discurso, mas sim na medida em que vai se constituindo o discurso. Deste modo, Cardoso (1999) reconhece que os interlocutores do discurso não devem ser considerados como seres empíricos, mas também como representação de lugares determinados na estrutura social, tais como: o lugar do professor, do aluno, de pai, etc. As relações de lugares acham-se representados no discurso por uma série de “formações imaginárias” que determinam o lugar que destinatário atribui a si mesmo e o outro, a imagem que fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro, e a imagem que fazem do referente.



Cardoso (1999) esclarece que nas condições de produção de um discurso é possível identificar todo um sistema de restrições que determina os objetos, os temas, e também as relações entre os discursos. Assim, um discurso usa a língua para se materializar, e no discurso que se materializa a ideologia, esta que será entendida a seguir.

4 Conceito de ideologia

Desta maneira, a ideologia no entender Charaudeau; Maingueneau (2004), representa uma relação imaginária das pessoas com sua existência, que se concretiza materialmente em aparelhos e práticas. Também ideologia está ligada ao inconsciente por meio da interpretação dos indivíduos em sujeitos:

Como todas as evidências, incluídas as que fazem com que uma palavra designe outra coisa; ou tenha uma significação (logo, incluídas as evidências da transparência da linguagem), essa evidência de que você e eu somos sujeitos- e que isso não é problema é um efeito ideológico, o efeito elementar (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 268).

Para os autores (idem), a ideologia é os sistemas sociocognitivos das representações mentais socialmente partilhadas, que controlam outras representações mentais, tais como: as atitudes dos grupos sociais, sendo que essas atitudes se manifestam no texto e na fala.

Assim como a ideologia compreendida como os sistemas sociocognitivos das representações mentais, é também, na conceituação de Fiorin (2004, p. 32) definida como a visão de mundo de uma determinada classe social, ou seja, um conjunto de representações, ideias que indicam a compreensão que certa classe tem do mundo. Isto é, “cada formação ideológica corresponde a uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo”.

Mussalim (2005, p. 124) denomina formação ideológica o “confronto de forças em um dado momento histórico”. Sendo assim, uma formação ideológica pode confrontar-se ou pode entreter entre si em relações de aliança ou também de dominação. Então, entende-se que:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como um corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si próprio (BAKHTIN, 2004, p.31).



Bakhtin (2004, p. 32) salienta que, uma imagem simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se um objeto físico em signo ideológico, sem deixar de fazer parte de uma realidade material, passa a refletir outra realidade. Sendo assim, um instrumento pode ser convertido em signo ideológico, como exemplo: “a foice e do martelo como emblema da União Soviética. A foice e o martelo possuem, aqui, um sentido puramente ideológico”. O “pão e o vinho” tornam-se símbolos religiosos no sacramento cristão. Portanto ao lado dos fenômenos naturais, e do material tecnológico, existe um universo que é dos signos. Para este autor (Bakhtin), “o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico”. Desta maneira, cada signo ideológico não é apenas o reflexo de uma realidade, mas também um fragmento material desta realidade.

Bakhtin (2004) explica que o ideológico tem seu lugar no material social, assim ele se situa entre indivíduos socialmente organizados. Sendo assim não basta arrumar duas pessoas quaisquer para que os signos se constituam. É preciso que esses indivíduos estejam socialmente organizados, pois só assim um sistema de signos pode constituir-se.

Cardoso (1999) fala que o discurso é uma das instâncias em que a ideologia se materializa. Como salienta esta mesma autora que:

Cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais nem universais mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras (CARDOSO, 1999, p. 45).

Desta maneira, para Cardoso (1999), são as formações discursivas que em uma determinada formação ideológica, com uma relação de classe, determinam o que pode ou não ser dito a partir de uma posição social dada. Cardoso salienta também que a ideologia pode se relacionar com posições de grupos, “a ideologia pressupõe conflitos”: de classe, de grupos tais como; idade, sexo, raça, cor etc., mas motivados por relações de poder. A seguir conceitua-se sobre o Discurso Literário para melhor entender como um autor da voz aos personagens em uma narrativa.

5. Discurso literário



Pongio (2013, p. 81) faz um estudo sobre Bakhtin e comenta que este entende o gênero literário como uma memória criativa num processo do desenvolvimento literário. Então, os gêneros literários são as expressões das instâncias particulares societal que se constitui em vida literária em um dado momento histórico.

A escolha de um gênero por parte do escritor é já a escolha de um certo modelo interpretativo da realidade, no plano tanto temático quanto formal; cada gênero leva consigo as suas restrições ao colher o real e o verossímil, tem função seletiva e provocadora, os seus códigos não são nunca neutros; são por assim dizer, invenções humanas de longa duração que impulsionam a mensagem, enquanto tal, em uma certa direção Corti (*apud*. Pongio, 2013, p. 82).

Assim, a produção literária está relacionada com uma determinada realidade, todavia a sua estrutura apresenta uma intertextualidade que para Cardoso (1999, p. 119) pode ser explícita com implícita, esta que são: “paródias”, “paráfrases”, e outros.

Outra contribuição é a de Maingueneau (1996, p. 85), ao salientar que no discurso literário há uma distinção entre sujeito falante e o locutor. O primeiro tem o papel de produtor do enunciado, indivíduo em que o trabalho físico e mental permitiu produzir um enunciado; “o segundo corresponde à instância que assume a responsabilidade do ato da linguagem”. Maingueneau (1996, p. 86) nos deixa claro esta distinção com o seguinte exemplo:

Dorante: Sois sensível a seu amor, percebi isso pelo extremo desejo que tínheis de que eu partisse logo; desse modo não me poderíeis amar.
Silvia: *Sou sensível a seu amor!* Quem é que vos disse isso? *Eu não vos poderia amar!* O que é que sabeis a esse respeito? Tirais conclusões apressadas demais.

Assim, Silvia retoma no “eu” as palavras de Dorante, mas sem assumi-las como sua. A Silvia caberia a definição de sujeito falante, sujeito da enunciação, mas não é o locutor.

Maingueneau (1996, p. 87) comenta que em uma abordagem tradicional “o autor” é ora o escritor, produtor físico que usou a pena, ora personagem. Dessa maneira, Maingueneau salienta que para fugir da ambigüidade, reserva o termo *autor* “à instância que o texto coloca como o responsável por sua enunciação, e *escritor* para o equivalente a sujeito falante”.

A definição de autor é efetivamente apenas o que ocorre em uma enunciação textual e não tem existência independente de seu papel enunciativo. Já o escritor pode produzir um “romance de capa e espada no qual o narrador apareça como um homem do século XVII”.



Portanto, no discurso literário há uma instância produtora e uma instância que assume a enunciação.

Maingueneau (1996) explica também que o autor não é o único que pode dizer “eu” num texto, pois as narrações apresentam personagens que se expressam no discurso direto, colocando-se assim responsáveis pela enunciação, isto é, como locutores. Assim, o discurso direto introduz na enunciação do autor as enunciações de outros sujeitos. Mas as enunciações são colocadas sob responsabilidade do autor que as cita, da mesma forma que todos os outros elementos de sua história.

As formações discursivas e os processos de interação entre os personagens da obra: “o Menino da Cidade de Iona (ou a história de Zé vida de Barraca)” de Luiz Taques.

Cardoso (1999) reconhece que o discurso é formado a partir dos lugares que o sujeito ocupa na estrutura social, as formações discursivas que determinam o modo como o indivíduo enuncia, pois as escolhas determinam o jogo de imagens que os interlocutores estabelecem de si e do outro.

Desse modo, percebe-se à formação discursiva dos personagens que começa com a interlocução dos personagens Inácio e Fernandinha em que aquele explica para esta quem são Os Sem-Terra, sendo assim, é possível visualizar esta formação discursiva de Inácio a favor dos Sem-Terra nos seguintes trechos:

*Mas eles não estavam fazendo mal a ninguém só gritando umas palavras que eu não entendia direito (1997, p.11).
(...) você não se lembra de que a professora tinha falado que sem-terras eram lavradores. (1997, p.13).*

Inácio no seu discurso apresenta-se conscientizado de quem são as pessoas Sem-Terra, ou seja, Inácio sabe que Os Sem-Terra não são pessoas más que invadem as terras dos outros por não querem trabalhar, mas sim porque são desempregados do campo que precisam de um incentivo governamental. E com isso possam ter um meio de sobrevivência através do cultivo da terra.

Também na obra o personagem Inácio comenta para Fernandinha que a professora lhe havia dito que Os Sem-Terra são “desempregados do campo”, isto é, a boa visão que Inácio tem do grupo a qual representa, não foi porque ele aprendeu com os colegas, ou com outras



pessoas, mas sim porque a *professora* lhe disse. Inácio conhece realmente quem são Os Sem-Terra através da professora, alguém que não faltaria com a verdade.

Para Cardoso (1999), nas condições de produção discursiva há um jogo de imagens que identifica o lugar que o destinador e destinatário atribuem a si mesmo, e ao outro, ou mesmo a imagem que fazem seu próprio lugar e do lugar do outro, ou então a imagem que fazem do referente.

Seguindo esta definição de Cardoso sobre a imagem que se materializa nos discursos dos personagens em uma dada interação e levando em conta as condições de produção discursiva, tais como os lugares que os sujeitos ocupam na estrutura social, é perceptível no *corpus* de estudo a imagem que o personagem Zé Vida de Barraca tem de si mesmo:

- Sabe, Inácio, a gente não agüenta mais essa vida aos embrulhéus nas cidades de lona preta (1997, p. 19).

O personagem Zé Vida de Barraca tem imagem de si como se ele e sua família fossem esquecidos pela sociedade brasileira, desvalorizados, pois vivem na miséria de acampamento a acampamento, como se vida deles fossem um entulho, um amontoado de lixo que é despejado em dado lugar e ai fica no esquecimento, a mercê do tempo.

Em outro trecho da narrativa, o personagem Zé Vida de Barraca comenta com Inácio que sua mãe teve filhos gêmeos, e que esses dois irmãos dele (Zé Vida de Barraca) mudaram para a cidade:

- Sempre eles aparecem, mas só vivem reclamando; dizem que o dinheiro que ganham não dá para nada (1997, p. 21).

Observa-se que no discurso Zé Vida de Barraca reforça a ideia que os acampados (Sem-Terra) são desvalorizados, pois na cidade não há espaço de trabalho para eles, uma vez que não são preparados para a vida e o trabalho urbano, portanto só lhe resta viver no campo.

Em outro momento Inácio comenta com Zé Vida de Barraca sobre as pessoas que após pegarem as terras acabam vendendo:

-Mas no meio de vocês não têm uns malandros, desses que não querem saber de trabalhar e depois vendem as terras que ganharam?(1997, p. 29).



Assim, neste enunciado é possível perceber a imagem que a sociedade tem dos Sem-Terra, isto é, veem como pessoas despreocupadas com o trabalho que só querem ganhar com a ajuda que o governo lhes fornece.

Segundo Fiorin (2004) uma formação ideológica é tida como a visão de mundo que se materializa numa determinada classe social, é um conjunto de representações, de ideias que indicam a compreensão que certo grupo social tem do mundo. Com base nessa definição identifica-se no *corpus* como se diferem as ideologias conforme o lugar social que os personagens estão; citaremos a seguir um trecho para melhor exemplificarmos:

*- Mas por que vocês invadem as terras dos outros?, perguntou Inácio.
- O pai me ensinou que sem-terra não invade, ocupa. E ele falou que a gente só ocupa terras daqueles que não plantam nada. (1997, p. 25).*

Desta forma, o personagem Inácio usa o termo *invadir* no sentido de se apoderar de uma coisa não lhe pertence, isso porque a sociedade tem a ideologia de que Os Sem-Terra são um grupo de desocupados, que vivem da prática do ócio, entram na propriedade privada ou se acampam nas beiras das estradas e ai fica esperando assistência do governo, desta maneira, a sociedade veem Os Sem-Terra como um aglomerado de pessoas que não gostam de trabalhar.

Mussalim (2005) explica que a formação ideológica é “confronto de forças em um dado momento histórico”. Uma formação ideológica pode confrontar-se ou pode entreter entre si em relações de aliança ou também de dominação. Portanto, Os Sem-Terra têm outra visão de mundo que difere da sociedade em geral, pois eles (Os Sem-Terra) usam o termo *ocupar* no sentido utilizar a terra que não esta sendo usado por ninguém, isto é, a ocupação só acontece em terras inutilizadas, e também a ocupação é provisória, ou seja, até o governo tomar providências e fazer repartição de terras. Assim, o uso do termo *ocupar* é um termo utilizado pelos Sem-Terra para se defenderem, um modo de dizer que não estão fazendo coisa errada, mas tomando iniciativa de modo a motivar o governo federal a fazer a reforma agrária

Segundo Charaudeau; Maingueneau (2004) a ideologia é os sistemas sociocognitivos das representações mentais socialmente partilhadas, que tem por finalidade controlar outras representações mentais, como exemplo: as atitudes dos grupos sociais, atitudes estas que se manifestam no texto e na fala. E esta formação ideológica se mostra no discurso do personagem Zé Vida de Barraca quando ele fala da seguinte maneira:



_ nós só ocupamos terras porque o governo não faz a reforma agrária (p.26).

Nesse trecho citado acima há uma formação ideológica formada contra o governo, pois Os Sem-Terra culpam o governo por não fazer a reforma agrária. Como salienta Bakhtin (2004, p. 31), que a ideologia faz parte de determinada realidade natural e social, como um corpo físico, ou um instrumento de produção; mas ao contrário destes, “ele também reflete e refrata uma realidade, que lhe é exterior”. Então, a justificativa do Movimento Sem-Terra fazer protestos, ocupações é porque o governo não faz reforma agrária, pois se o governo lhes ajudasse não precisariam tomar tais atitudes.

Também *corpus* identifica-se três vezes que se materializam no discurso, isto é, a heterogeneidade mostrada. Segundo Cardoso (1999) é uma leitura dialógica, onde há outra “voz” no discurso, uma vez que toda palavra, todo discurso tem dentro de si outro discurso. A seguir há a exposição das seguintes vozes:

1. *Narciso passou a vida acreditando na grandeza infinita do homem.*
2. *Fica permitido que o pão de cada dia tenha no homem o sinal de seu suor (Thiago de Mello)*
3. *É muito apoderado do chão esse Bernardo. Seu instinto, seu faro animal, vão em frente. (Manoel de Barros).*

Assim, esses discursos presente na obra literária “O menino da cidade de lona (ou a história de Zé Vida de Barraca)” de Luiz Taques, são discursos que reportam outros contextos históricos e literários, que falam da luta do homem em busca de realizar um sonho, que aqui na obra se materializa como o sonho de ter uma pequena propriedade.

O primeiro discurso fala sobre Narciso, este que segundo Ana Lucia Santana (2007), provém da mitologia grega, que narra à história de Narciso, um homem muito bonito que desprezou o amor de uma ninfa (Eco) e por isso foi condenado a apaixonar-se por sua própria imagem espelhada na água. Sendo assim, este amor impossível levou Narciso à morte, ou seja, o narcisismo retrata a tendência do indivíduo de alimentar uma paixão por si mesmo. Desta forma, esse discurso se materializa na obra literária: “O menino da cidade de lona (ou a história de Zé Vida de Barraca)” de Luiz Taques, como a paixão do homem sem-terra em adquirir sua própria terra e nela poder trabalhar.



O segundo discurso é um trecho extraído do poema: “Os Estatutos do Homem (Ato Institucional Permanente)” do poeta Thiago de Mello, e é também um discurso que reporta uma passagem bíblica (GÊNESIS, Cap. 3, vers. 19) que fala que o homem irá tirar o seu sustento de suas próprias mãos. Assim este discurso relaciona com a possibilidade dos Sem-Terra trabalharem, e através de suas mãos tirarem seus sustentos da terra.

E o último discurso é um trecho da obra: “O Guardador de águas” de Manoel de Barros, que se refere ao trabalhador rural, o homem do campo que vive isolado dos demais na sociedade, sendo assim esta formação discursiva se materializa no *corpus* de análise pelo fato que Os Sem-Terra também são excluídos, desvalorizados, tidos como bandidos e/ou desocupados pela sociedade, também o discurso citado mostra a vida difícil dos Sem-Terra em acampamentos, pois as condições de sobrevivências nos acampamentos são precárias.

Dessa maneira, segundo Bakhtin (2004, p. 145), um discurso citado é tido pelo falante como uma enunciação de outra pessoa, independente da situação enunciativa, situada fora do contexto narrativo. É a partir dessa existência autônoma que o discurso de outrem passa para o contexto narrativo, conservando assim o seu conteúdo. Desta forma, a enunciação do narrador integra o discurso do outro, elabora regras sintáticas, estilísticas para associá-lo à sua própria unidade sintática, embora conservando “pelo menos sob forma rudimentar”, a autonomia primitiva do discurso de outrem. O discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica, mas sem alterar a formação linguística do contexto que se integrou.

Assim, os discursos citados na obra literária: “O menino da cidade de lona (ou a história de Zé Vida de Barraca)” de Luiz Taques, que apesar de conservar sua estrutura e a semântica elabora regras sintáticas e estilísticas para associá-la à sua própria unidade sintática, isto é, as citações estão presentes na obra para reforçar a temática do homem do campo (sem-terra). E também para que o leitor vivencie o mundo mágico da literatura, com outros discursos presentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho expõe-se um pouco mais desta disciplina científica que é AD (Análise do Discurso), a sua contribuição para que se visualize outras leituras presente no discurso literário da obra: “O menino da cidade de lona (ou a história de Zé Vida de Barraca)” de Luiz



Taques, num processo de interação entre os personagens, tais como: a relação com lugar que os sujeitos ocupam na estrutura social, e a visão ideológica que uma determinada classe social tem do mundo.

Dessa maneira, foi visto como são constituídas as formações discursivas no discurso dos personagens da narrativa, a imagem que os personagens têm si e do outro, também o lugar da onde o locutor enuncia, isto é, o discurso da sociedade *versus* discursos do Movimento Sem Terra (MST).

E quanto à formação ideológica, isto é, a visão de mundo tanto da sociedade referente aos Sem-Terra quanto visão de mundo dos Sem-Terra referente a eles mesmos e referente a sociedade, assim como as distinções entre os termos *ocupar* e *invadir* utilizados por sujeitos de lugares diferentes, e a justificativa da existência do Movimento Sem-Terra que é motivar o governo fazer a reforma agrária.

E por último às outras vozes literárias que se mostram na obra, em que reforça a temática do homem do campo sem-terra. Dessa forma, como a obra: “O menino da cidade de lona (ou a história de Zé Vida de Barraca)” de Luiz Taques é destinado ao público Infanto-Juvenil, portanto tem por finalidade mostrar ao leitor quem são Os Sem-Terra, objetivando assim desmistificar o preconceito de que Os Sem-Terra são bandidos e/ou desocupados.

Sendo assim, a literatura Infanto-Juvenil brasileira contemporânea aborda várias questões sociais, e é possível ver por meio da Análise do Discurso essa diversidade literária; diferentes pontos de vistas sociais, ou seja, as divergências culturais que se materializa conforme o grupo social que o indivíduo ocupa. E isso contribui para a formação crítica da criança/ adolescente, uma vez que, está aprendendo de um modo lúdico por meio da leitura ter uma visão reflexiva e conhecer a diversidade cultural existente no mundo.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, MIKHAIL. (VOLOCHINOV, V.N). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitex, 2004.

BRANDÃO, H. H. N. Discurso, gênero e cenografia enunciativa. In: MICHELETTI, G. (org.). **Enunciação e gêneros discursivos**. São Paulo: Cortez, 2008.

CARDOSO, Silvia Helena Barbi. **Discurso e Ensino**. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de análise do discurso**/Patrick Charaudeau, Dominique Maingueneau; coordenação da tradução Fabiana Komesu. – São Paulo: Contexto, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo-SP, ática, 2004.

FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber**. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário. 2002.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **O enunciado e o arquivo: Foucault (entre) vistas**. In: GREGOLIN, Maria do Rosário: Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade. (org). São Carlos: Claraluz. 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação** (Trad. SOUZA & ROCHA). São Paulo. Cortez, 2001.

_____. **Elementos de lingüística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

MUSSALIM, F e BENTES, J-C. **Introdução à lingüística 2**. São Paulo: Cortez, 2004.



ORLANDI, Eni. **Princípios e procedimentos**. Campinas-SP, Pontes, 2005.

PONGIO, Augusto. **No círculo com Mikhail Bakhtin**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

SANTANA, A.L. **o que é uma pessoa narcisista, de onde surgiu o termo narcisismo**. Disponível em:<<http://www.infoescola.com/psicologia/narcisismo>>. Acesso em: 10. junho. 2017

SÉRGIO, Frei. **A luta pela Terra no Brasil**/João Pedro Stédile, Frei Sérgio – São Paulo: scritta, 1993.